

Atividade iniciou o segundo trimestre em alta

Mercado de trabalho: o reencontro da PNAD e do CAGED

Em 2021, renda média real por pessoa caiu 6,9% no Brasil

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/indicadores-e-estudos-economicos

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Atividade iniciou o segundo trimestre em alta

Porém, a indústria gaúcha deve manter o comportamento errático atual nos próximos meses.

Em abril de 2022, o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), calculado pela FIERGS, avançou 1,5% frente ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, após também crescer 0,5% em março. Com a nova alta, o índice interrompeu o período de estabilidade na margem dos últimos meses e atingiu o patamar mais alto desde outubro 2014, 10,8% acima do pré-pandemia (fevereiro de 2020).

O IDI/RS mostra o desempenho da indústria por meio da combinação de seis indicadores, que revelaram sinais ambíguos em abril: crescimento das horas trabalhadas na produção (+1,4%), do emprego (+0,6%) e da massa salarial real (+0,5%) e queda do faturamento real (-3,3%), das compras industriais (-2,3%) e da utilização da capacidade instalada (-0,7 p.p.).

Nas comparações anuais, os resultados são igualmente positivos, mas estão perdendo intensidade. Em abril de 2022, o IDI/RS cresceu 2,9% ante igual mês do ano passado, a menor taxa em 18 meses nessa métrica, devido, em parte, ao menor número de dias úteis (19 ante 21). Com isso, o acumulado do ano até abril apontou alta de 3,9% relativamente aos primeiros quatro meses de 2021 (o acumulado em março foi de 4,3%).

Das seis variáveis que compõem o IDI/RS, cinco contribuíram para o resultado positivo do primeiro quadrimestre de 2022: horas trabalhadas na produção (+7,3%), compras industriais (+6,0%), emprego (+6,1%), massa salarial real (+5,8%) e faturamento real (+1,8%). A exceção foi a UCI, com grau médio de 81,0% nos quatro primeiros meses do ano, ficou 1,1 p.p. abaixo do mesmo período do ano passado.

Ainda na comparação com o primeiro quadrimestre de 2021, a atividade industrial gaúcha cresceu em nove dos dezesseis setores pesquisados, tendo como indutores as indústrias de Máquinas e equipamentos (+10,7%), Veículos automotores (+13,2%), Couros e calçados (+6,2%) e Tabaco (+35,3%). As quedas mais significativas foram em Alimentos (-1,3%), Produtos de metal (-3,5%) e Móveis (-7,8%).

Apesar da alta do IDI/RS no mês de abril, os resultados dos Indicadores Industriais do RS mantêm o quadro de oscilação e de estabilidade na margem, enquanto o patamar elevado é herança estatística deixada pelo ano passado. A desorganização da cadeia de suprimentos e as altas acentuadas dos juros e da inflação seguem e devem continuar restringindo a atividade industrial gaúcha nos próximos meses, da mesma forma que as exportações de manufaturados e o agronegócio continuam e devem seguir contribuindo.

Nesse contexto, com estoques excessivos e menos otimista, as perspectivas de uma retomada mais consistente para indústria gaúcha são pouco animadoras, devendo manter o comportamento errático em curso nos próximos meses.

Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul

(Abril de 2022)

	Variação %		
	Mês anterior*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	1,5	2,9	3,9
Faturamento real	-3,3	-0,3	1,8
Horas Trabalhadas na produção	1,4	6,0	7,3
Emprego	0,6	6,3	6,1
Massa salarial real	0,5	5,4	5,8
UCI (em p.p.)	-0,7	-0,2	-1,1
Compras Industriais	-2,3	2,6	6,0

* Série dessazonalizada

Índice de Desempenho Industrial – RS

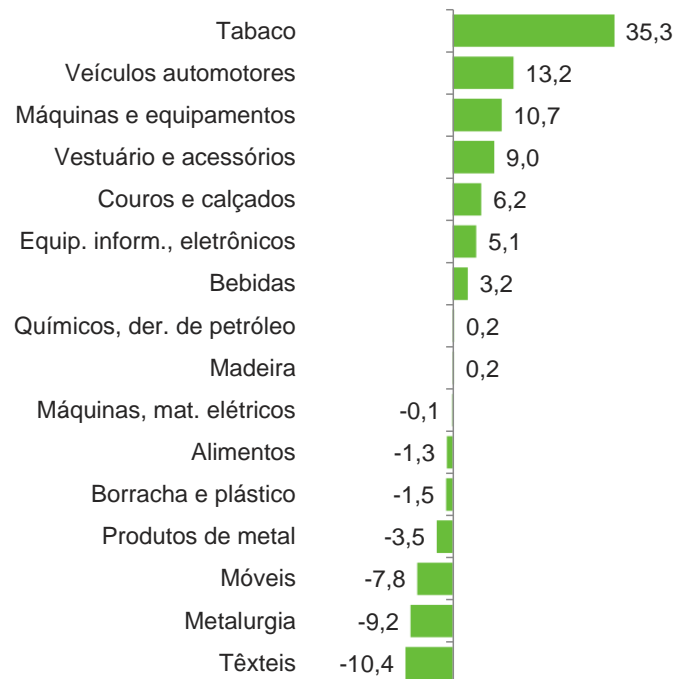
(Índice base fixa mensal: 2006=100*)



* Série dessazonalizada.

Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS – Setorial

(Variação jan-abr 2022/21 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.

Mercado de trabalho: o reencontro da PNAD e do CAGED

Após o início da pandemia, uma das discussões que ascenderam foi sobre qual pesquisa retratava de forma mais fidedigna a situação do mercado de trabalho formal brasileiro: a PNAD Contínua, do IBGE, ou o CAGED, do Ministério do Trabalho e Previdência. Mudanças de metodologia nas duas fontes contribuíram para aumentar as incertezas das conclusões tiradas acerca desses dados.

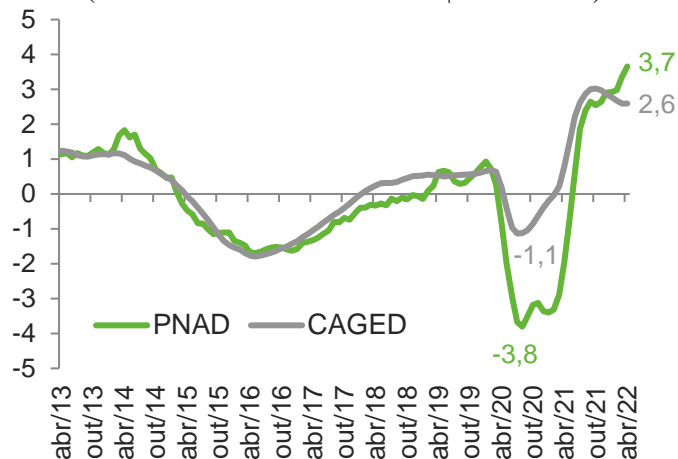
As duas bases até coincidiram em apontar o terceiro trimestre de 2020 como o pior momento de perda de vagas, mas a divergência era que a PNAD indicava uma perda muito maior do que o CAGED. Segundo a PNAD, considerando o saldo de empregos em um ano, o pior momento foi em agosto de 2020 (-3,8 milhões de postos), enquanto para o CAGED foi em julho do mesmo ano (-1,1 milhão de postos).

Contudo, como poder ser visto no gráfico, aos poucos as séries começaram a se aproximar e, desde meados de 2021, houve o que podemos chamar de reencontro dos resultados apontados pelas duas bases. Inclusive, para o fechamento do ano passado, ambas apontaram abertura de 2,9 milhões de postos de trabalho. Porém, os números recentes voltaram a apontar divergência, agora com sinal invertido: em abril de 2022, o CAGED mostra criação de 2,6 milhões de vagas nos últimos 12 meses e a PNAD de 3,7 milhões.

Em diversas oportunidades neste espaço defendemos que os dados do CAGED nos pareciam

melhor representar a dinâmica dos empregos com carteira assinada, principalmente por se tratar de uma base de dados oriunda de registros administrativos, ao passo que a pesquisa do IBGE é amostral. Em função disso, acreditamos que a desaceleração recente apontada pelo CADED nos parece representar melhor a situação atual do mercado de trabalho formal, ao contrário da PNAD que mostra aceleração na criação de empregos. Mesmo assim, o fato é que ambas seguem revelando que o mercado de trabalho formal continua bastante aquecido.

Geração de empregos formais – Brasil
(Saldo acumulado em 12 meses | Em milhões)



Fontes: IBGE. MTP. Obs.: 1) Dados da PNAD são dos empregos do setor privado com carteira. 2) Dados estão em trimestres móveis.

Em 2021, renda média real por pessoa caiu 6,9% no Brasil

Na semana passada, o IBGE divulgou os resultados de sua pesquisa mais abrangente sobre a renda dos brasileiros: o módulo denominado Rendimento de todas as fontes, com dados da PNAD Contínua. Cabe mencionar que as informações divulgadas e amplamente repercutidas todos os meses pelo instituto referem-se somente aos rendimentos do trabalho, deixando de fora rendimento de outras fontes, como aposentadorias, pensões, aluguéis, doações, aplicações financeiras e programas de transferência de renda, por exemplo.

Considerando todas as fontes, o rendimento médio mensal real domiciliar por pessoa caiu 6,9% em 2021 e passou de R\$ 1.454 em 2020 para R\$ 1.353. Este é o menor valor da série histórica, iniciada em 2012. Norte e Nordeste foram as regiões que apresentaram os menores valores (R\$ 871 e R\$ 843, respectivamente) e também as maiores perdas entre 2020 e 2021 (de 9,8% e 12,5%, nessa ordem). Já as regiões Sul e Sudeste se mantiveram com os maiores rendimentos (R\$ 1.656 e R\$ 1.645, respectivamente).

A queda entre 2020 e 2021 é explicada pela redução do rendimento médio do trabalho, que retraiu mesmo com o nível de ocupação começando a se recuperar no ano passado, bem como pela diminuição da renda das

outras fontes, principalmente pela mudança nos critérios de concessão do Auxílio Emergencial ocorridas em 2021, com menos pessoas beneficiadas e menores valores concedidos.

O percentual de pessoas com algum rendimento na população do país, também caiu: de 61% para 59,8%, retornando ao percentual de 2012, o menor da série. Houve redução em todas as regiões, principalmente no Norte. O Sul (64,8%) continua com a maior estimativa, como aconteceu em todos os anos da série histórica. As menores são nas regiões Norte (53,0%) e Nordeste (56,3%). O percentual de pessoas com algum rendimento aumentou em “Todos os trabalhos” de 40,1% para 41,1%, o que corrobora o aumento de ocupação no país. Em contrapartida, houve queda no percentual das pessoas com rendimentos no conjunto de “Outras fontes”, que saiu de 28,3% para 24,8%. A maior variação foi em “Outros rendimentos”, que saiu de 14,3% para 10,6%, categoria que se enquadram os beneficiários do Auxílio Emergencial.

Analisando os diversos resultados que a pesquisa trouxe, um fator merece bastante destaque: o impacto perverso do aumento da inflação na perda de bem-estar da população, prejudicando o poder de compra principalmente das pessoas mais vulneráveis.

DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA BRASILEIRA

Últimas previsões atualizadas.

	2018	2019	2020	2021	2022*
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)¹					
Agropecuária	1,3	0,4	3,8	-0,2	2,2
Indústria	0,7	-0,7	-3,4	4,5	0,4
Serviços	2,1	1,5	-4,3	4,7	1,9
Total	1,8	1,2	-3,9	4,6	1,3
Produto Interno Bruto Real (Em trilhões correntes)					
Em R\$	7,004	7,389	7,468	8,679	9,347
Em US\$ ²	1,916	1,873	1,448	1,609	1,782
Inflação (% a.a.)					
IGP-M	7,6	7,3	23,1	17,8	12,3
INPC	3,4	4,5	5,4	10,2	7,4
IPCA	3,7	4,3	4,5	10,1	7,1
Produção Física Industrial (% a.a.)					
Extrativa Mineral	0,0	-9,7	-3,4	1,1	1,2
Transformação	1,1	0,2	-4,6	4,3	1,9
Indústria Total³	1,0	-1,1	-4,5	3,9	1,5
Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)					
Agropecuária	2,2	13,0	36,6	140,9	25,6
Indústria	23,9	97,2	148,9	719,9	157,8
Indústria de Transformação	1,2	13,2	47,8	439,0	109,7
Construção	11,4	70,7	97,7	244,8	37,3
Extrativa e SIUP ⁴	11,2	13,3	3,5	36,2	10,8
Serviços	520,2	533,8	-377,0	1.869,8	430,4
Total	546,4	644,1	-191,5	2.730,6	613,8
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	11,7	11,1	14,2	11,1	10,5
Média do ano	12,4	12,0	13,8	13,2	11,4
Setor Externo (US\$ bilhões)					
Exportações	231,9	221,1	209,2	280,4	295,9
Importações	185,3	185,9	158,8	219,4	226,4
Balança Comercial	46,6	35,2	50,4	61,0	69,5
Moeda e Juros					
Meta da taxa Selic – Fim do ano (% a.a.)	6,50	4,50	2,00	9,25	13,25
Taxa de Câmbio – Desvalorização (%) ⁵	17,1	4,0	28,9	7,4	-0,5
Taxa de Câmbio – Final do período (R\$/US\$)	3,87	4,03	5,20	5,58	5,55
Setor Público (% do PIB)					
Resultado Primário	-1,6	-0,8	-9,4	0,8	-1,0
Juros Nominais	-5,4	-5,0	-4,2	-5,2	-6,5
Resultado Nominal	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-7,5
Dívida Líquida do Setor Público	52,8	54,7	62,5	57,3	62,3
Dívida Bruta do Governo Geral	75,3	74,4	88,6	80,3	83,1

Fontes: IBGE, BCB, FGV, ME, MTP, STN. * Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. ¹ O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. ² Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. ³ Não considera a Construção Civil e o SIUP. ⁴ SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. ⁵ Variação em relação ao final do período anterior.

Informações sobre as atualizações das projeções:

- Atualizada a projeção para o INPC.

DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL

Últimas previsões atualizadas.

	2018	2019	2020	2021	2022*
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)¹					
Agropecuária	-7,1	3,0	-29,5	67,5	-40,0
Indústria	2,8	0,2	-5,6	9,7	-1,4
Serviços	2,6	0,8	-4,6	4,1	0,5
Total	2,0	1,1	-6,8	10,4	-4,0
Produto Interno Bruto Real (Em bilhões correntes)					
Em R\$	457,294	482,464	480,173	582,968	599,384
Em US\$ ²	125,108	122,282	93,107	108,059	114,249
Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)					
Agropecuária	-1,4	-0,1	0,5	3,4	0,9
Indústria	1,5	-5,5	-0,2	47,5	9,2
Indústria de Transformação	0,9	-1,5	0,1	42,9	7,4
Construção	0,9	-4,0	-0,2	5,2	1,4
Extrativa e SIUP ³	-0,2	0,0	0,0	-0,7	0,4
Serviços	20,4	26,0	-42,9	89,4	19,0
Total	20,5	20,4	-42,5	140,3	29,2
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	7,5	7,3	8,6	8,1	7,6
Média do ano	8,2	8,1	9,3	8,7	8,1
Setor Externo (US\$ bilhões)					
Exportações	21,0	17,3	14,1	21,1	22,4
Industriais	15,1	12,5	10,5	14,1	15,1
Importações	11,3	10,3	7,6	11,7	12,8
Balança Comercial	9,8	6,9	6,5	9,4	9,6
Arrecadação de ICMS (R\$ bilhões)					
	34,8	35,7	36,2	45,7	49,5
Indicadores Industriais (% a.a.)					
Faturamento real	2,7	3,0	-3,1	8,7	1,6
Compras industriais	10,0	-2,7	-5,5	31,0	4,2
Utilização da capacidade instalada (em p.p.)	1,6	0,7	-4,6	5,7	0,3
Massa salarial real	-1,3	-0,8	-9,3	4,6	0,4
Emprego	0,9	0,0	-1,9	6,7	1,4
Horas trabalhadas na produção	0,0	-1,0	-5,7	15,1	3,3
Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS	2,6	0,1	-4,8	12,8	1,7
Produção Física Industrial⁴ (% a.a.)					
	5,9	2,5	-5,5	8,8	1,0

Fontes: DEE/Seplag-RS, IBGE, BCB, ME, MTP, SEFAZ-RS, UEE/FIERGS. * Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. ¹ O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. ² Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. ³ SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. ⁴ Não considera a Construção Civil e o SIUP.

Informações sobre as atualizações das projeções:

Não houve alterações.